

Cleide Calgaro  
Luis Fernando Biasoli  
Cesar Augusto Erthal  
(Orgs.)

# ÉTICA E DIREITOS HUMANOS



# Ética e Direitos Humanos

## Organizadores:

### Cleide Calgaro

Doutora em Ciências Sociais na linha de pesquisa “Atores Sociais, Políticas Públicas, Cidadania” (2013) pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos). Pós-Doutorado em Filosofia (2015) e Pós-Doutoranda em Direito pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Professora e pesquisadora no Mestrado e na Graduação em Direito da Universidade de Caxias do Sul. Mestre em Direito na linha de pesquisa “Direito Ambiental e Biodireito” (2006) e Mestre em Filosofia na linha de pesquisa “Problemas Interdisciplinares de Ética” (2015) ambas pela Universidade de Caxias do Sul (UCS).

### Luis Fernando Biasoli

Doutor e Mestre em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Professor na Universidade de Caxias do Sul (UCS).

### Cesar Augusto Erthal

Mestre em Filosofia pela PUCRS. Doutorando em Filosofia pela PUCRS. Professor na Universidade de Caxias do Sul (UCS).



## ***Casos do Romualdo:*** **leituras de um século de humor**

---

Agemir Bavaresco \*

Faço minhas as palavras da pesquisadora Lígia Chiapinni, por ocasião do artigo escrito em 2012, na revista *Nonada*, intitulado “Simões Lopes Neto, um poeta da imensidão”. É difícil escrever de novo e, brevemente, sobre um escritor com o qual nos ocupamos tanto tempo. Uma possibilidade, para fugir à repetição ou à sedução de uma novidade fácil, é sistematizar algumas hipóteses e conclusões dos nossos trabalhos e dos outros pesquisadores e intérpretes da obra simoniana, que continuam escrevendo, num processo de recepção crescente e profundo.<sup>1</sup> Nosso objetivo neste texto é apresentar algumas leituras e interpretações de comentaristas sobre os *Casos do Romualdo*, de Simões Lopes Neto. Essa reconstituição tem como finalidade explicitar a contradição que está imanente na narrativa simoniana em geral e, especificamente, nos *Casos*. Essa contradição permite que tenhamos várias leituras com os diferentes vieses, novas hermenêuticas da obra do autor pelotense. Ora, a função dos *Casos* que se inserem no humor conduz à superação da contradição pelo riso, face às tragédias ou aos impasses do cotidiano.

a) *A obra: Casos do Romualdo* reúne vinte e um causos gauchescos, histórias curtas inventadas que fazem parte da cultura gaúcha tradicional. Os casos deste livro são criações de um personagem que realmente existiu, o engenheiro Romualdo de Abreu e Silva. O mérito de Simões Lopes Neto não está em haver criado as histórias, mas, a exemplo de *Lendas do Sul*, o de lhe haver dado forma literária com o seu estilo próprio, resultado do ato de frequentar os galpões de estância, onde os gaúchos, reunidos em volta do fogo e tomando chimarrão, entretinham-se, contando histórias inventadas ou verdadeiras. São 21 contos, com histórias bem-humoradas sobre caças, viagens e outros assuntos relacionados à temática gauchesca, típicas do Rio Grande do Sul.

---

\* Doutor em Filosofia pela Universidade Paris 1 (Panthéon-Sorbonne). Professor, coordenador do PPG Filosofia/PUCRS. Coordenador do Grupo Pesquisa CNPq Filosofia & Interdisciplinaridade. E-mail: abavaresco@pucrs.br; site: www.abavaresco.com.br

<sup>1</sup> CHIAPPINI, Lígia. Simões Lopes Neto, um poeta da imensidão. *Nonada Letras em Revista*, Porto Alegre, ano 15, n. 19, p. 97, 2012.

b) *Romualdo de Abreu e Silva*: contemporâneo de Simões Lopes Neto, Romualdo de Abreu e Silva nasceu no seio de tradicional família gaúcha e residiu grande parte de sua vida em Pelotas, onde trabalhou como engenheiro do município e, depois, como fiscal do imposto de consumo. Vários prédios tradicionais de Pelotas foram construídos por ele, inclusive o da Prefeitura Municipal. Romualdo era dotado de grande imaginação e veia inventiva. Presença marcante, por sua altura, vasta cabeleira branca, trajando sobrecasaca preta e cartola, sobressaía-se nas rodas sociais, onde narrava os seus casos. Morreu em Porto Alegre, em 1917.

c) *Recuperação da obra*: após a morte de Simões Lopes Neto, consideravam-se os originais de *Casos do Romualdo* como perdidos. Porém, a obra foi recuperada pelo trabalho de pesquisa do escritor Carlos Reverbel, que encontrou um volume encadernado do jornal pelotense *Correio Mercantil*, contendo vinte e um exemplares publicados em junho de 1914. Neles, estava o texto completo da obra, que fora originalmente publicado em folhetins no referido jornal. Carlos Reverbel fez uma cópia dos vinte e um textos, material que serviu de base para a edição que a Editora Globo publicou em 1952.<sup>2</sup>

### **Um século de humor: transgressão e cooperação**

O humor é um estado de ânimo cuja intensidade representa o grau de disposição e de bem-estar psicológico e emocional de um indivíduo face à linguagem do humor: “A vertente lúdica e criadora de transgressão das normas do ‘bom uso’ convida à exploração de zonas da linguagem onde reina o implícito e onde se realiza o humor. Polissemia, ambigüidade, pressuposição e subentendido reúnem condições privilegiadas que se conjugam na construção do humor verbal”.<sup>3</sup>

Mouta elabora o conceito de humor a partir do estatuto social da comunicação que se dá num contexto de linguagem cultural:

O humor é um fenômeno eminentemente comunicativo em íntima relação com o contexto situacional, social e cultural, contexto cujo conhecimento é essencial à informação subsidiária da mensagem humorística. No caso particular do humor verbal, esta inter-relação estende-se ao co-texto, implicando um conhecimento do jogo de associações das palavras e das

<sup>2</sup> Disponível em: <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Casos\\_do\\_Romualdo](http://pt.wikipedia.org/wiki/Casos_do_Romualdo)>.

<sup>3</sup> MOUTA, Margarida Amélia de Sá Vieira. *Linguagem, transgressão e disfuncionalidade: uma abordagem enunciativo-pragmática do humor na comunicação verbal*. 1996. Dissertação (Mestrado) – Universidade do Porto, Faculdade de Letras, Porto, 1996. p. 7.

relações intrafrásicas que se estabelecem no enunciado e que está obviamente em correlação com o conhecimento partilhado da língua e das convenções culturais.<sup>4</sup>

No entender de Mouta, o humor é um discurso transgressor explicitado na linguagem:

O discurso humorístico afirma-se, pela sua natureza desviante e subvertora, como um discurso da transgressão no seio da comunicação. Num processo em que a atividade cognitiva alia-se à emoção e ao prazer da descoberta, o humor permite atacar o estereótipo de certas formas fossilizadas da linguagem, dando a ver o não dito, despertando o implícito, reelaborando o sentido, ciosamente guardado nas teias de um discurso que se constrói na desconstrução.<sup>5</sup>

Junto com esta dimensão de transgressão, o humor tem um viés de cooperação, permitindo aos interlocutores a conversação, transgredindo o convencional e deslocando o sentido para o imaginário da comunicação humorística, criando uma “simbiose entre transgressão e cooperação, no convite tácito feito ao interlocutor, para participar no enigma que ela enuncia”.<sup>6</sup>

É nesse sentido que os *Contos* podem ser caracterizados como histórias de humor, que podem ser de dois tipos para a análise de nossa pesquisa: desmitificação transgressora e catarse cooperativa.

1ª) *Desmitificação transgressora*: o papel do humor, como crítica aos costumes da sociedade da qual emerge, da ideologia vigente, serve para criticar sociedades, pessoas ou algum fato, nesse sentido, aproximar-se-ia da sátira, da paródia e da ironia.<sup>7</sup> Uma das marcas do humor é a preocupação social, que transparece na criação de personagens como crítica à situação econômica e sociocultural. A criação de personagens reforça a concepção do humor e do riso

---

<sup>4</sup> MOUTA, op. cit., p. 34.

<sup>5</sup> Ibidem, p. 143.

<sup>6</sup> Ibidem, p. 146.

<sup>7</sup> “O humor é uma conduta de luto (trata-se de aceitar aquilo que nos faz sofrer), o que o distingue de novo da ironia, que seria antes assassina. A ironia fere; o humor cura. A ironia pode matar; o humor ajuda a viver. A ironia quer dominar; o humor liberta. A ironia é implacável; o humor é misericordioso. A ironia é humilhante; o humor é humilde.” “[...] é nisso que é essencial ao humor ser reflexivo ou, pelo menos, englobar-se no riso que ele acarreta ou no sorriso, mesmo amargo, que ele suscita. É menos uma questão de conteúdo do que de estado de espírito. [...] Podemos rir de tudo, mas não de qualquer maneira. O riso não é tudo e não desculpa nada. De resto, tratando-se de males que não podemos impedir ou combater, seria evidentemente condenável contentar-se com gracejar. O humor não substitui a ação, e a insensibilidade, no que concerne ao sofrimento dos outros, é uma falha. Mas também seria condenável, na ação ou na inação, levar demasiado a sério seus próprios bons sentimentos, suas próprias angústias, suas próprias revoltas, suas próprias virtudes. Lucidez bem ordenada começa por si mesmo. Daí o humor, que pode fazer rir de tudo contanto que ria primeiro de si.” (SPONVILLE, A. C. *Pequeno tratado das grandes virtudes*. São Paulo: M. Fontes, 1995).

que faz pensar, revelando as deformações da identidade dos indivíduos e as injustiças sociais. Neste tipo de humor, temos a dissertação de Figueiredo (2002), que defende o riso desmitificador da figura do gaúcho, construído pela ideologia da democracia sulina, livre e senhor, representando o gaúcho herói. O riso desmistificaria essa condição de monarca das coxilhas, desvelando a “verdadeira” identidade do gaúcho, mostrando que o heroísmo nada mais seria que narrativas construídas para alimentar esta representação.

Os *Casos* teriam a função de ridicularizar o personagem Romualdo pelas suas fraquezas e defeitos. Ao rir das situações contadas por Romualdo, o leitor estaria rindo dos elementos da cultura gaúcha que serviriam de base para a formação do mito do monarca das coxilhas. Então, rir do cavalo de Romualdo, da figueira, do cachorro, das viagens do personagem, das tentativas frustradas de se fixar em uma propriedade agrícola e das caçadas, enfim, de todas as mentiras, seria rir da cultura do gaúcho “herói”.<sup>8</sup>

2ª) *Catarse cooperativa*: catarse (termo vindo do grego *kátharsis*: purificação, purificar) é uma palavra utilizada em diversos contextos, como a tragédia, a medicina ou a psicanálise, que significa *purificação*, ou *purgação*. Segundo Aristóteles, a catarse refere-se à purificação das almas, por meio de uma descarga emocional provocada por um drama. Para Aristóteles, o teatro tinha para o ser humano a capacidade de libertação, pois quando o indivíduo via as paixões representadas, conseguia libertar-se delas. Essa purgação ou purificação tinha o nome de catarse, que era provocada no público durante e após a representação de uma tragédia grega. A catarse era o estado de purificação da alma experimentada pela plateia através das diversas emoções transmitidas no drama.

Para a psicanálise, catarse é experimentar a liberdade em relação a alguma situação de bloqueio, tanto as psicológicas quanto as cotidianas. Na arte (literatura, teatro, cinema, etc.), ocorre ao ler ou assistir a uma cena que provoque “descargas de sentidos e emoções”, despertando a catarse.<sup>9</sup>

O humor é integrante da dinâmica da sociedade como fenômeno social, ajudando a equilibrar contextos, a fim de ultrapassar limites e estruturas, reelaborando significados. O humor faz parte da sociedade em mudança que se refaz para além de convenções.<sup>10</sup> Bastos Neto opta por interpretar os *Casos do Romualdo*, como manifestações do riso popular, pois aqui

<sup>8</sup> BASTOS NETO, Oscar Ferreira. *O riso popular nos Casos do Romualdo, de Simões Lopes Neto*. Trabalho de conclusão de curso. 2011. (Curso de Letras) – UFRGS, Instituto de Letras, 2011. p. 8.

<sup>9</sup> Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Catarse>>.

<sup>10</sup> BASTOS NETO, pó cit., p. 10.

se materializa um caráter humano muito propício ao riso: o mentiroso. Então, o riso fácil e bonachão que emerge das mentiras de Romualdo não precisa estar condicionado ao conhecimento prévio da narrativa do gaúcho. O cômico na obra se relaciona com a tradição do riso popular. A causa do riso na obra dá-se por motivos mais “universais” da condição humana, e o efeito é um riso descompromissado e lúdico. O cômico suscita o riso de caráter popular e universal nas histórias. Esse meio aponta um riso que vem “de dentro” da narrativa, e que não precisa, necessariamente, estar vinculado a alguma ideologia.<sup>11</sup>

Bastos Neto defende que o cômico suscita, de um lado, o riso festivo desvinculado das ideologias vigentes e, de outro, propõe a coexistência entre o *sério* e o *risível* em relação aos mitos, na medida em que este não anula aquele. Narrativas cômicas conviveram com as narrativas *sérias* durante toda a Idade Média, na forma de paródias, como fala Bakhtin, sendo que hoje vemos situações semelhantes em relação à cultura do gaúcho, em que os *Casos de Romualdo* seriam um exemplo.<sup>12</sup>

O mundo de Romualdo é constituído pelo elemento rural: matas, sítios, animais peçonhentos, cavalos, bugios, caçadas, feras, etc. Os *Casos* são mentiras bem contadas, pois, a “mentira é o ponto de partida do efeito cômico das narrativas”.<sup>13</sup> Pode-se enumerar uma série de casos que são quase impossíveis de ocorrer. Assim, nas histórias do cavalo que pula em uma balsa e, pela força do impulso, a leva para a outra margem; ou a caçada com velas no lugar das balas, que saem quentes da arma, derretidas e param no nariz da onça, para matá-la por sufocamento e não estragar o pelo; ou o bugio que, depois de trabalhar para Romualdo moendo pinhão, vai embora, casa-se, constrói uma casa na mata e constitui família, depois chama Romualdo para conhecer sua morada, etc.<sup>14</sup>

Tensão e elasticidade caracterizam a dialética do agir de Romualdo, que, face aos problemas, vive esta tensão do drama e do humor, buscando a solução pragmática, tomando dimensões de elasticidade, ou seja, de amplitude, pois, exagera e aumenta, consideravelmente, os métodos para solucionar os casos, provocando riso.<sup>15</sup>

O otimismo cômico é um outro traço marcante da personalidade de Romualdo, por exemplo, na sua habilidade de caçador. “O otimismo é marca das

---

<sup>11</sup> Idem.

<sup>12</sup> Idem.

<sup>13</sup> Ibidem, p. 19.

<sup>14</sup> Ibidem, p. 23.

<sup>15</sup> Ibidem, p. 25.

histórias, tanto nas suas habilidades motoras e intelectuais, quanto sua crença na capacidade de sucesso em qualquer projeto que venha a se engajar”.<sup>16</sup> Por exemplo, “O dia das munhecas” em que apresenta os cálculos da produção e dos lucros posteriores. “As qualidades de Romualdo foram suficientes para exterminar os jacarés. Mas não bastaram para levar adiante seu projeto com as tartarugas. Restou a todo o seu otimismo o caráter cômico, e ao leitor um riso de surpresa com uma aventura tão grandiosamente atrapalhada”.<sup>17</sup>

A engenhosidade de contar uma mentira mostra-se na capacidade fantasiosa do contador. Pode-se constatar nos *Casos* uma engenhosidade que se expressa pela criatividade com que o narrador inventa suas histórias; às imagens regionais evocadas; aos personagens que participam das histórias; à estrutura recorrente em cada caso, ou seja, o narrador começa a história citando algum conhecimento empírico do senso comum, para construir sua história fantasiosa a partir desse conhecimento imediato (Uma balda do Gemada, Caçar com Velas, O dia das munhecas).<sup>18</sup> Há um pragmatismo, no sentido do *know how*, ou seja, como fazer, como resolver os problemas e encontrar saídas para as tragédias do cotidiano.

Chiappini também entende que em Simões Lopes encontram-se tanto o sério como o cômico, ou seja, a desmitificação transgressora e a catarse cooperativa:

Já tive oportunidade de afirmar algo que me parece essencial para entender a grandeza desse escritor e de sua obra: Ele escreveu como viveu, sob o signo do entre: entre o campo e a cidade, entre o culto e o iletrado, entre o lírico, o épico e o dramático, entre o novo e o velho, entre dois séculos e – por que não? – entre o sério e o cômico.<sup>19</sup>

Nossa leitura é de que Simões Lopes construiu sua obra literária diante de um cenário em profunda transição, por isso, ele engajou-se em muitos projetos, desde o campo do empreendedorismo industrial, passando pelo cívico-educacional, até o sociopolítico. Então, a sua obra literária é uma expressão de seu projeto, ou seja, ela tinha a intenção de legitimar ou dar suporte aos diversos campos de ação, tornando-se, porém, posteriormente, uma obra estética autônoma. Assim, temos, de um lado, um *intelectual orgânico* e, de outro, um gaúcho temperado pela sabedoria do humor. Seu profundo engajamento era dosado pelo

---

<sup>16</sup> Ibidem, p. 29.

<sup>17</sup> Ibidem, p. 32.

<sup>18</sup> Ibidem, p. 33.

<sup>19</sup> CHIAPPINI, op. cit., p. 106.

ritmo dos *Casos do Romualdo*, ou seja, as contradições e tragédias do pampa eram superadas pelo humor cotidiano.

### **Leituras e projetos: humor e engajamento**

A literatura é um reflexo da cultura de uma sociedade, o reconhecimento dos valores histórico-sociais de um povo. Há uma ligação da literatura com as demais áreas do conhecimento, como a História, a Sociologia, a Filosofia, etc., tecendo-se um diálogo interdisciplinar. A obra simoniana possibilita um pluralismo de interpretações e pontos de vista que ampliam a recepção de seus textos. Escolhemos, dentre as muitas leituras, apenas estas, para mostrar como o texto simoniano permite opiniões opostas, fazendo emergir a contradição narrativa, o que torna a sua obra ainda mais fascinante e atual.

#### a) *Mito do gaúcho herói versus anti-herói: a contradição narrativa*

Há uma idealização do gaúcho, segundo Arendt, pelos setores sociais que dominam os cenários político e econômico da sociedade sul-rio-grandense, desde os primórdios da conquista e da colonização do território sulino.

O mito do gaúcho-herói é visto pela maioria dos estudiosos contemporâneos como uma construção ideológica dos grupos dominantes que serviu para encobrir os problemas sociais do trabalhador rural, principalmente da região da Campanha, nas áreas fronteiriças com a Argentina e o Uruguai, onde, historicamente, se desenvolveu a atividade pecuária. É aí, nesse cenário, que o gaúcho-herói, na figura do peão de estância, surgiu e exerceu sua função principal de trabalhar com o gado e defender o território contra o ‘invasor’ castelhano.<sup>20</sup>

O imaginário do gaúcho é reforçado a partir da República Velha, por meio da literatura, dando ênfase ao heroísmo, à honradez e à harmonia entre patrões e peões, tanto nas batalhas de fronteiras como no trabalho da estância. Uma análise da obra de Simões Lopes Neto permite afirmar que o escritor tinha um projeto de resgatar o passado sul-rio-grandense, descrevendo sua geografia, seus usos e costumes, colocando-se em favor dos dominados, “por meio de uma denúncia da degradação provocada pelo progresso tecnológico e pela importação de ‘produtos’ estrangeiros”.<sup>21</sup> Pode-se delimitar dois períodos: a) período do século XVII ao início do século XIX, caracterizado pela formação do latifúndio e da

---

<sup>20</sup> ARENDT, João Cláudio. O imaginário social em João Simões Lopes Neto. *MÉTIS: história & cultura*, v. 2, n. 4, p. 113, jul./dez. 2003.

<sup>21</sup> Idem.

domesticação do gado em estâncias, quando o patrão e o peão oferecem um imaginário de convivência sem distinções sociais; b) período do fim do século XIX e início do século XX em que o progresso técnico no campo teria provocado uma deterioração dos costumes do gaúcho, resultando a presença, na obra de Simões Lopes, do anti-herói e do herói degradado, como representante destas mudanças instaladas no território gaúcho.

Simões Lopes em sua narrativa explicita a contradição deste contexto colocando em oposição o herói e o anti-herói, ou seja, os papéis e as posições sociais na sociedade sul-rio-grandense. Há uma narrativa que expressa a contradição, pois ela permite que se encontre, em sua literatura, tanto argumentos interpretativos que legitimam o *status quo* da identidade do gaúcho herói, como é possível ler a crítica a este imaginário típico, apontando as transformações e os interesses dos grupos sociais em questão. Então, não se pode tirar conclusões apressadas ou excludentes sobre a narrativa de Simões Lopes, uma vez que é possível encontrar esta tensão narrativa de atores sociais em contextos culturais em contradição.

b) *Projetos implícitos do autor versus leituras explícitas dos pesquisadores*

Lendo a biografia de Simões Lopes Neto, constatamos que ele teve uma atuação profícua, tanto como escritor quanto como cidadão, empreendendo iniciativas para espalhar ideais tanto em nível sociopolítico, econômico, cívico-educacional e de literatura. Devido a essa ampla atividade que unia literatura e engajamento intelectual, emergiram muitas leituras sobre a sua obra literária e as intenções de sua ação social. Seleccionamos, apenas, três interpretações, dentre outras, em que se defende existirem projetos na obra simoniana que seriam implícitos. Porém, segundo os pesquisadores encontram-se fortes indícios e provas, relacionando literatura e ações do autor, que permitem torná-los explícitos nas suas pesquisas.

1<sup>a</sup>) memória histórica – esta posição é defendida por Aldyr Schlee, que afirma que “Simões Lopes Neto queria escrever a história do Rio Grande e registrar seu populário para não deixar apagar-se a memória do gaúcho e da sua cultura”, através da ficção de “figuras históricas e seres míticos com homens e mulheres anônimos”.<sup>22</sup> Schlee entende que o escritor contribuiu para resgatar a

---

<sup>22</sup> CHIAPPINI, op. cit., p. 101.

história e a memória rio-grandense e brasileira, participando em várias instâncias da sociedade, incluindo como prioritária a educação cívica.

2ª) obra estética – opinião defendida por Lígia Chiappini que entende ser “necessário tentar recompor o projeto ideológico, explicitado pelo escritor, e confrontá-lo com o seu projeto estético, implícito e, em grande parte, inconsciente. O resultado é a ficção mais verdadeira, indo muito além da intenção documental ou diretamente pedagógico-política”.<sup>23</sup> Esta posição defende a autonomia da obra literária, insistindo no seu valor estético, independentemente, de qualquer projeto. Ela entende que a literatura simoniana transcende o projeto político-pedagógico.

3ª) projeto cívico-pedagógico e republicano – esta opinião é defendida, com diferenças em alguns aspectos, por Carlos Francisco Diniz e Luís Borges, e por Elomar Tambara e Eduardo Arriada.

Luís Borges afirma em sua tese que pretende “chamar a atenção dos estudiosos simonianos para o nexos entre projeto cívico-pedagógico e a alta literatura do autor, cujo fulcro é sua concepção política da educação”.<sup>24</sup> Esse projeto seria algo implícito em Simões Lopes Neto: “Eu não afirmo que o escritor pelotense acalentasse um projeto lítero-educacional, mas que os intelectuais de sua época, em geral, o acalentavam e que ele deixou claros indícios de adesão a esse programa, que era inerente àquele caldo de cultura. Em que medida isso foi consciente não sei”.<sup>25</sup>

No entender de Tambara e Arriada, “é inquestionável que Simões Lopes Neto teve uma inserção muito intensa na área da educação, e mais do que isto, teve uma efetiva intencionalidade em formatar muitos de seus textos no sentido de moldar um comportamento mais comprometido com os valores cívico-patrióticos em vigor à época”.<sup>26</sup> Os dois ratificam que Simões Lopes Neto “esteve efetivamente engajado num projeto de cunho continental que primava pela divulgação e consolidação de um ideal cívico patriótico que plasmou a consolidação do republicanismo nesta região. Este processo de “apostolização” do

---

<sup>23</sup> CHIAPPINI, op. cit., p. 101.

<sup>24</sup> BORGES, Luís. *João Simões Lopes Neto um pensador social da educação*. 2013. Tese (Doutorado em Educação) – UFPEL, Programa de Pós-Graduação em Educação, 2013. (Texto usado para qualificação de tese). p. 102.

<sup>25</sup> Idem.

<sup>26</sup> TAMBARA, Elomar; ARRIADA, Eduardo. Civismo e educação na primeira república: João Simões Lopes Neto. *História da Educação*, ASPHE/FaE/UFPEL, Pelotas, v. 13, n. 27, p. 280, jan./abr. 2009.

civismo pode ser dimensionado em diversas iniciativas de João Simões Lopes Neto, tais como: o projeto terra gaúcha (livro didático); as conferências cívicas; a semana centenária; os Cartões postais”.<sup>27</sup>

As leituras e os projetos apresentados, acima, não são excludentes, mas complementares, provando nosso objetivo de apresentar um Simões Lopes Neto versátil em sua ação de escritor e de empreendedor, vivendo entre o engajamento e a convivência em rodas de chimarrão aquecidas pelo fogo de chão e animadas pelas narrativas dos *Casos do Romualdo*.

### **Leituras dos *Casos do Romualdo***

Apresentamos a seguir alguns exemplos de leituras dos *Casos do Romualdo*, para ilustrar nossa opinião de que temos uma narrativa que permite uma diversidade de abordagens, em contradição e também em complementaridade, ampliando cada vez mais uma hermenêutica criativa, entre o horizonte do autor e do leitor.

#### *a) Do Blau dos tempos heroicos, ao Romualdo em tempos de contradição*

No entender de Chiappini, os contos-casos encaixam-se, também, “numa lógica mais geral do livro, em que se subvertem as qualidades heroicas do gaúcho e a solenidade das narrativas de Blau Nunes, a começar pela paródia da sua própria caracterização”.<sup>28</sup> Assim é apresentado Blau:

[...] desempenado arcabouço de oitenta e oito anos, todos os dentes, vista aguda e ouvido fino, mantendo seu aprumo de furriel farroupilha, que foi, de Bento Gonçalves, e de marinheiro improvisado, em que deu baixa, ferido, de Tamandaré. [...] perene tarumã verdejante, rijo para o machado e para o raio, e abrigando dentro do tronco cernoso enxames de abelhas, nos galhos ninhos de pombas [...]. Genuíno tipo-crioulo-rio-grandense (hoje tão modificado), era Blau o guasca sadio, a um tempo leal e ingênuo, impulsivo na alegria e na temeridade, precavido, perspicaz, sóbrio e infatigável; dotado de uma memória de rara nitidez brilhando através de imaginosa e encantadora loquacidade servida e floreada pelo vivo e pitoresco dialeto gauchesco.<sup>29</sup>

Enquanto Romualdo auto-apresenta-se assim: “De corporal, sou baixinho e gordo, ruivo e imberbe; de moral, sou casado e tagarela, violento e calmo; em

<sup>27</sup> TAMBARA; ARRIADA, op. cit., p. 281.

<sup>28</sup> CHIAPPINI, op. cit., p. 104.

<sup>29</sup> LOPES NETO, João Simões. *Contos gauchescos e Lendas do Sul*. Edição Crítica organizada por Aurélio Buarque de Hollanda. 2. ed. Porto Alegre: Globo, 1961. Posfácio de Carlos Reverbel. p. 42.

tudo, homem para as ocasiões”.<sup>30</sup> Romualdo é o narrador que ri e faz rir, caracterizando-se pela comicidade que faz levar a vida com leveza e criatividade, diante dos problemas e contradições do cotidiano.

b) *Ouvidos de viajante, ouvidos de criança: aprendendo a superação*

Nos *Casos do Romualdo*, Simões Lopes não inclui, explicitamente, a terra natal, Pelotas, embora o cidadão Romualdo, que, de fato, existiu, era pelotense, foi engenheiro e responsável pela urbanização de boa parte da cidade. Grande contador de histórias, suas aventuras agradam pela força da invenção e por apelarem continuamente ao imaginário representacional. Romualdo pode ser visto como um tipo de narrador que, através da imaginação criativa bem humorada, ajuda a suportar a dureza e o peso da existência cotidiana.

Simões Lopes Neto inicia a obra com o primeiro caso, contando que um desconhecido, na véspera de Natal, deixou em sua casa um pacote sem remetente, sem endereço e sem destinatário. Ao abrir o pacote, encontra um caderno com os *Casos do Romualdo*. Desta forma, o autor isenta-se, passando a palavra para o próprio Romualdo, que se apresenta como contador no segundo caso “Sou Eu, O Homem” e classifica os ouvintes em três tipos: 1) Toco plantado; soleira de porta, parafuso de dobradiça (metáfora dos que nunca saíram de sua terra) – para esses, ele não fala; 2) galo de torre de igreja, coleira de cachorro, sanguessuga de barbeiro (metáfora dos que viajaram pouco) – para esses, pouco fala; 3) realejo de gringo, travesseiro de hotel, patação de prata (metáfora dos muito viajados) – esses são os ouvintes preferidos dele.

Embora, estes últimos ouvintes sejam os preferidos, o leitor ideal, para esses casos, são as crianças. São elas que o autor elege para acompanhar as aventuras de Romualdo: “O merecimento deste livro subsiste na paciência com que foi ele coligido; falta-lhe relevância artística, é certo; destinado à leitura entre golpes de cousas sérias, aos homens graves entediará; pois, demo-lo então aos frívolos e, destes, aos mais elevados: às crianças”.<sup>31</sup> Além das crianças, os casos privilegiam leitores não sedentários, como afirmamos acima, pois estão abertos para mundos novos a descobrir. Porque aí se projeta o Simões Lopes cosmopolita, viajando para fora dos limites do Rio Grande do Sul, buscando outras paragens pelo Brasil afora e louvando a vida nômade.<sup>32</sup>

---

<sup>30</sup> LOPES NETO, J. Simões. *Casos do Romualdo*. 6. ed. Porto Alegre: Globo, 1983. p. 20.

<sup>31</sup> LOPES NETO, op. cit., p. 9.

<sup>32</sup> CHIAPPINI, op. cit., p. 105.

c) *O riso popular – universal e particular*

Bastos Neto aborda o cômico e o riso em *Casos do Romualdo*, entendendo o cômico como uma forma de produção artística, com a intenção de provocar um efeito, isto é, o riso do leitor. O riso dos *Casos* insere a narrativa na tradição popular do riso. Nessa interpretação, o cômico nos *Casos* dá-se mais pelas atitudes do personagem “Romualdo”, que diz coisas absurdas ou realiza ações insensatas, do que pela sátira ao mito do gaúcho.

Essas histórias viram atitudes cômicas e podem ser encontradas em histórias do folclore em outras culturas, em diferentes épocas e em manifestações artísticas contemporâneas. O cômico relaciona-se com a tradição do riso popular, ou seja, o riso dá-se por motivos mais universais da condição humana, e o efeito é um riso descompromissado e lúdico. Assim, o cômico mantém viva a tradição popular do riso, sendo uma comprovação os *Casos do Romualdo*, em particular.<sup>33</sup>

d) *Desmitificação pelo riso*

Associa-se a esta interpretação Zilberman, que entende a concepção do personagem Romualdo como a continuação do projeto de Simões Lopes Neto, nesse caso como desmitificação do gaúcho herói, presente nos *Contos gauchescos*.

A crítica ao presente determinou a criação de Romualdo, exemplo do gaúcho despojado do poder, que conta apenas com sua verve narrativa para assegurar a atenção e o interesse do grupo social. Extensão e contrapartida de Blau, porque conta histórias inacreditáveis, Romualdo é igualmente o desdobramento do processo de desmitificação que o contador dos *Contos Gauchescos* já deixava implícito na denúncia do presente.<sup>34</sup>

Em sua dissertação de mestrado, Figueiredo tem como objetivo analisar a obra *Casos do Romualdo*, observando como o autor, por meio da construção do cômico sobre os traços característicos do mito do monarca das coxilhas, estes subvertidos na figura do narrador-protagonista, contribui para rever e desfazer a imagem do mito. O cômico construído suscita o riso desmitificador, que aponta para uma problematização histórico-literária da questão, ou seja, a comicidade advinda desses relatos, devido ao exagero e ao inusitado dos acontecimentos; que revela a herança da literatura oral marcante nessa obra, principalmente no que a liga à vertente da literatura, que não enalteceu o homem gaúcho, mas que optou

---

<sup>33</sup> BASTOS NETO, op. cit.

<sup>34</sup> ZILBERMAN, Regina. *A literatura no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1992. p. 60.

por retratá-lo em sua miséria. Na dissertação, explicita-se o processo criativo do autor que resulta na sugestão ao cômico e ao riso, como elementos para a concretização do significado subversor da obra, em relação ao mito do monarca das coxilhas e à literatura que o estabeleceu.<sup>35</sup>

e) *A unidade dos opostos na simbologia do número sete*

Em *Casos do Romualdo*, constata-se a incidência do número sete que transita entre o sagrado e o profano, a mentira e a verdade, a fantasia e a verossimilhança, convertendo-se num indicador de construção telúrica da realidade gaúcha.

A utilização do humor popular, alicerçado em uma linguagem folcloricamente gaúcha, apelando para a significância característica do número sete – como revelação no âmbito da mentira – reitera o domínio criativo de Simões Lopes Neto. O número sete, dentre as simbologias atribuídas aos números, é especial: mágico, mítico e místico. Seu significado encontra esta correspondência em todos os reinos (animal, vegetal e mineral), em várias religiões e em manifestações culturais diversas.<sup>36</sup>

Assim, argumenta Zanchet: “Entretanto, se o número sete encontra acolhida no campo do mítico e do sagrado, da perspectiva profana, principalmente com referência à cultura popular, especificamente, como folclore, o sete tem sido caracterizado com o número da mentira. Incluir o sete no número de ações praticadas, vividas, vencidas ou vivenciadas corresponde à conta do mentiroso e, como tal, ganha um sabor pitoresco, às vezes mesclado com a dúvida e a comicidade”. Ela conclui: “É nessa acepção folclórica que Simões Lopes Neto insere os *Casos de Romualdo*. O sete corrobora o tom fantástico do caso, apelando para a mentira e a invencionice, tipificando as conversas à roda do fogo, entre cuias de chimarrão”.<sup>37</sup> Por exemplo: “A Quinta de São Romualdo” tem sua estrutura assentada no número sete: Romualdo, por sete vezes, procede da mesma forma: acaba com uma praga colocando outra em seu lugar. As sete pragas correspondem à aquisição de: sementes de barba-de-bode, preás, gatos, cachorros, gringos toucadores de realejo, advogados e doutores.

<sup>35</sup> FIGUEIREDO, Janaína Bacelo. *Casos do Romualdo*, de João Simões Lopes Neto: o monarca das coxilhas desmitificado pelo riso. 2002. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2002.

<sup>36</sup> ZANCHET, Maria Beatriz. Simões Lopes Neto: O sagrado e o profano da mentira. *Revista Trama*, v. 1, n. 1, 1º sem. 2005. p. 55.

<sup>37</sup> *Ibidem*, p. 56.

Se a incidência do número sete subjaz às sequências fabulares de “A Quinta de São Romualdo”, em outros contos, a reiteração deste número vai aparecer, mesmo que não seja como elemento motivador da estrutura. É o caso de “O Papagaio” (“a sete passos de distância estava agachada, de bocarra aberta”); “O Tatu-Rosqueira” (“descobri logo umas sete covas, portanto sete tatus; destorci sete rabos, pu-los no chão”); “A Figueira” (Há de haver uns sete anos fez um inverno molhado e frio como nunca passei outro”); “Uma Balda do Gemada” (Isto feito, afastei-me como umas sete braças, firmei as rédeas e cravei as esporas na barriga do cavalo teimoso...”), para citar apenas alguns.

O humor tem essa função de unir o sagrado e o profano, representado pelo número sete. Aqui não há separação entre sagrado e profano, nos *Casos*, há esta mistura de dimensões, formando uma unidade dos opostos entre humor e dor.

Assim, são os *Casos* um misto de humor e dor que descrevem a figura do Romualdo construindo sonhos, empreendendo ações, resolvendo problemas, atravessando terras e mares, cavalgando em meio ao minuíano frio e aquecendo-se junto ao fogo de chão, uma rede de opostos na unidade do humor.

## Conclusão

No entender de Bastos Neto, há um caráter universal do riso, que assume as particularidades conforme os mecanismos dos quais o autor lança mão para compor sua obra. “No caso da obra de Simões, pensar o riso suscitado a partir dos preceitos românticos, de negatividade, de destruição do original, e ‘engessar’ o riso suscitado como crítica ao mito do gaúcho, única e exclusivamente, pouco permite que se encontre ali a riqueza dos contos de humor do folclore”.<sup>38</sup> Segundo o autor, o riso popular ajuda a entender melhor as imagens evocadas por Simões Lopes para compor os *Casos*, dialogando com a cultura popular do riso, do que reduzir o riso apenas à crítica ao mito do gaúcho. Ou seja, não se trata de assumir um modelo dualista sério – mito; riso – desmitificação, mas de ler e compreender os *Casos* nesta tensão da narrativa em contradição, emergindo da própria situação vivida pelo autor.

Então, podemos concluir que “a presença desse riso popular e permanente em obras cômicas faz com que a versão ‘risível’ dos mitos conviva com a versão ‘séria’ dos mesmos, num movimento paródico de integração entre as formas,

---

<sup>38</sup> BASTOS NETO, op. cit., p. 45.

enfraquecendo (mas não inviabilizando) o esvaziamento ideológico do sentido original”.<sup>39</sup>

A figura de Romualdo, nos *Casos*, estabelece esta tensão dialética entre o risível e o sério, convidando o leitor a interpretar o lado *risível* de um mundo *sério*, constituído pela dureza do cotidiano, portanto, convidando a superação criativa pelo humor. A temática gaúcha vive nesta contradição do cômico e da seriedade, porém, convidando o leitor à fantasia e ao riso alegre, ou seja, à superação, porque “se não podemos escapar à seriedade da existência, se o sério baliza nossas atitudes do cotidiano, deixemos um tempo para a fantasia, para o sonho, onde se encontra certo ‘descanso’ para a alma, e o riso pode ser uma ferramenta para isso”.<sup>40</sup> Como diz o narrador: “Findava aqui, no caso, deste talho. Apenas, ao canto da página, a lápis, havia ainda uns dizeres que custei a decifrar, e que afinal eram estes: o 2º volume será dos “Sonhos de Romualdo”. Durmamos, pois, e vamos sonhar também...

#### Referências:

ARENDDT, João Cláudio. O imaginário social em João Simões Lopes Neto. *MÉTIS: história & cultura*, v. 2, n. 4, p. 107-118, jul./dez. 2003.

BASTOS NETO, Oscar Ferreira. *O riso popular nos Casos do Romualdo, de Simões Lopes Neto*. Trabalho de conclusão de curso. 2011. (Curso de Letras) – UFRGS, Instituto de Letras, 2011.

BAKHTIN, Mikhail. *A cultura popular na idade média e no renascimento: o contexto de François Rabelais*. Trad. de Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 2010.

BERGSON, Henri. *O riso: ensaio sobre o significado do cômico*. 2 ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.

BORGES, Luís. *João Simões Lopes Neto um pensador social da educação*. 2013. Tese (Doutorado em Educação) – UFPEL, Programa de Pós-Graduação em Educação, 2013. (Texto usado para qualificação de tese).

CHIAPPINI, Lígia. Simões Lopes Neto, um poeta da imensidão. *Nonada Letras em Revista*, Porto Alegre, ano 15, n. 19, p. 97-108, 2012.

FIGUEIREDO, Janaína Bacelo. *Casos do Romualdo, de João Simões Lopes Neto: o monarca das coxilhas desmitificado pelo riso*. 2002. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2002.

LOPES NETO, J. Simões. *Casos do Romualdo*. 6. ed. Porto Alegre: Globo, 1983.

LOPES NETO, João Simões. *Casos do Romualdo*. Ed. rev. Porto Alegre: M. Livreiro, 2004.

---

<sup>39</sup> BASTOS NETO, op. cit., p. 46.

<sup>40</sup> *Ibidem*, p. 47.

LOPES NETO, João Simões. *Contos gauchescos e Lendas do Sul*. Edição Crítica organizada por Aurélio Buarque de Hollanda. 2. ed. Porto Alegre: Globo, 1961. Posfácio de Carlos Reverbel.

MOUTA, Margarida Amélia de Sá Vieira. *Linguagem, transgressão e disfuncionalidade: uma abordagem enunciativo-pragmática do humor na comunicação verbal*. 1996. Dissertação (Mestrado) – Universidade do Porto, Faculdade de Letras, Porto, 1996.

SPONVILLE, A. C. *Pequeno tratado das grandes virtudes*. São Paulo: M. Fontes, 1995.

TAMBARA, Elomar; ARRIADA, Eduardo. Civismo e educação na primeira república: João Simões Lopes Neto. *História da Educação*, ASPHE/FaE/UFPel, Pelotas, v. 13, n. 27, p. 279-292, jan./abr. 2009.

ZANCHET, Maria Beatriz. Simões Lopes Neto: O sagrado e o profano da mentira. *Revista Trama*, v. 1, n. 1, 1º sem. 2005.

ZILBERMAN, Regina. *A literatura no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1992.